

Duas palavras sobre a história deste livro e a sua circunstância

Quando este livro nasceu tinha eu trinta anos. E Portugal vivia ainda sob a ditadura fascista, na altura sob a ‘chefia’ de Marcelo Caetano.

Os textos que então escrevi, no âmbito desta minha ‘conversa’ com Jan Tiberger (que tinha ganho em 1969, juntamente com Ragnar Frisch, o chamado *Prémio Nobel da Economia*, atribuído nesse ano pela primeira vez) destinavam-se a ser publicados na *Vértice*, que então se fazia e publicava em Coimbra, cidade onde nasceu, no início dos anos 1940.

Para que a memória não se perca – há muita gente interessada em apagá-la! – será bom recordar que, como todas as publicações periódicas portuguesas, a *Vértice* estava sujeita à *censura prévia*. Por isso mesmo é que nunca foi possível assumir-se como revista de inspiração marxista. Dizia-se «Revista do racionalismo moderno»...

No caso da nossa revista, a censura era particularmente dura. Para conseguirmos publicar um número tínhamos de preparar material que daria para dois ou três números, tal o volume dos cortes do lápis vermelho da Comissão de Censura de Lisboa (o regime não confiava nos burocratas que em Coimbra exerciam a função de *polícias do espírito*).

Os textos foram, pois, escritos com a certeza de que iriam ser apreciados pela censura. Só quem passou por essa experiência sabe como era difícil e doloroso, por vezes desesperante, escrever para a censura. O esforço para escapar à tesoura dos censores notava-se em algumas formulações redundantes (às vezes poderão parecer ‘ingénuas’), na busca recorrente da autoridade de certos professores, no subentendido de uma ou outra observação crítica, no ar vago de certas conclusões, na referência indirecta a certos autores (não se falava de Lenine, mas de Ulianov) ou a certos livros. Mas as marcas maiores ficavam dentro dos que eram obrigados a escrever naquelas condições e a sofrer o vexame da submissão ao lápis dos censores (que, no caso da *Vértice*, não era um qualquer *capitão lateiro*, mas gente letrada).

Por outro lado, a censura impunha que os textos fossem enviados para Lisboa já em

provas tipográficas, isto é, já com o encargo financeiro de uma grande parte dos custos da produção industrial da revista. Era mais uma arma utilizada pelo fascismo salazarento para asfixiar as publicações que lhe eram hostis. Como revista militante que era, a *Vértice* lutou sempre para não sucumbir, e não sucumbiu, apesar das inúmeras dificuldades por que passámos. Mas cada um de nós tinha a clara noção de que nem valia a pena tentar abordar certos temas e sabia que não podia carregar nas tintas dos textos que íamos escrevendo, porque cada corte na censura era mais uma dificuldade na vida da revista.

Por essa altura, a Comissão de Censura cortava, regularmente, uma boa parte dos textos assinados com o meu próprio nome. Recorri, por isso, a alguns pseudónimos, entre os quais o nome do meu avô paterno (Joaquim Martinho), falecido há alguns anos, analfabeto como nascera. Neste caso, resolvi assinar apenas A. A.

O Dr. M. F. Pereira Ramos (o entrevistador de Jan Tinbergen, o primeiro texto deste livro) parece não ter tomado consciência desta minha circunstância, porque, ao apresentar o meu comentário a esta entrevista (o segundo texto do livro, publicado originariamente no número 318 da *Vértice*, referente a Julho de 1970) sublinhou, em tom que parecia de desagrado ou de censura, o facto de eu ter assinado simplesmente A. A. Nunca o conheci pessoalmente o Dr. Pereira Ramos. Espero que ele não tenha pensado tratar-se, da minha parte, de um gesto de sobrançeria, desprezando a importância do tema ou o facto de poder *conversar* com um Prémio Nobel. Pelo contrário: o tema interessava-me (e continua a interessar-me) bastante, e não é todos os dias que temos oportunidade de *conversar* em público com um Prémio Nobel. O disfarce do nome foi apenas mais uma artimanha para conseguir que os textos saíssem nas páginas da *Vértice*, trazendo para o espaço público uma *conversa* que não era uma conversa privada.

Qualquer que tenha sido, então, o juízo do entrevistador do Prof. Tinbergen a este propósito, a verdade é que ele foi de uma grande generosidade para com o despretenhoso comentário que A. A. tinha publicado na *Vértice*. Talvez valha a pena deixar um apontamento sobre a sua origem. Na *Vértice* funcionavam algumas *secções* (cada uma delas coordenada por um membro efectivo da Redacção), para as quais procurávamos cativar a colaboração de jovens universitários interessados nas diferentes problemáticas abordadas na Revista (para além de outras que agora não recordo, literatura, cinema, saúde, política, questões e conómicas e sociais). Cobia-me a coordenação desta última. Tendo lido a entrevista de Tinbergen publicada no *Jornal do Fundão*, propus aos jovens (creio que todos meus alunos ou ex-alunos) que elaborassem um comentário à referida entrevista, contrapondo a visão marxista à perspectiva social-democrata do entrevistado.

A elevadíssima craveira de Tinbergen (que eles conheciam, em virtude do Prémio Nobel) e a natureza do tema empolgou os jovens, que elaboraram, em pouco tempo, com grande entusiasmo, o comentário acordado. Como sempre se fazia, discutimos o texto, com a intervenção de todos, guardando para o fim a minha própria intervenção. Que foi de apreço, embora fazendo algumas observações e sugestões de desenvolvimento de um ou outro ponto. Havendo acordo unânime quanto à vantagem de reelaborar o texto, os meus Amigos descarregaram em mim. Não valia a pena eles tentarem de novo, porque bastava eu passar ao papel a minha própria intervenção oral. E assim se fez.

Pois bem. Foi este texto que o Dr. Pereira Ramos, considerou um «trabalho interessantíssimo», «uma crítica profunda às ideias de Tinbergen», considerando-o merecedor de ser lido e eventualmente criticado por uma personalidade do gabarito do seu entrevistado, vencedor do Prémio Nobel da Economia. A esta cativante generosidade e, acima de tudo, à exemplar humildade científica do Prof. Jan Tinbergen e à sua grandeza de homem simples (são assim as pessoas excepcionais) devo a honra de ver um dos mais prestigiados economistas daquela época dispor-se a gastar um pouco do seu tempo para responder à prosa humilde do Sr. A. A. (assim me tratou Tinbergen).

Após o regresso das férias grandes, mal cheguei à Rua das Fangas para a primeira reunião da Redacção da *Vértice*, os camaradas da Redacção já tinham visto o *Jornal do Fundão*, que o Alberto Januário tinha deixado de propósito em cima da mesa. E anunciaram a boa nova: o Tinbergen respondeu-te! Primeiro não percebi; depois, fiquei atordoado (não era para menos); finalmente, é claro, fiquei contentíssimo.

Mas o meu estado de espírito mudou de imediato, porque a Redacção em peso logo me exigiu que eu respondesse ao texto de Tinbergen. Apanhei um susto enorme. Estaria eu à altura de uma resposta condigna a Tinbergen? Teria tempo para preparar um texto que não me envergonhasse e que prestigiasse a *Vértice*? E – questão particularmente angustiante – como conseguiria escrever, de forma a passar no crivo da censura, uma crítica ao ideário social-democrata de Tinbergen apoiada nos princípios da análise marxista? Como iria reagir a censura a tanta falta de vergonha da minha parte?

Às vezes, são as circunstâncias que fazem a nossa vida. A verdade é que, naquelas circunstâncias, eu não tinha outra alternativa que não fosse a de meter mãos (e cabeça) à obra, o que me obrigou (no tempo livre das minhas obrigações de jovem docente da Faculdade de Direito de Coimbra) a fazer um grande investimento pessoal para não deixar que o medo me paralisasse e para fazer as leituras complementares e escrever, um pouco cada dia, o texto com que encerra este livro.

Como já esperávamos, a censura cortou alguns trechos. E eu reclamei, porque a Redacção da *Vértice* entendeu que valia a pena arriscar nos protestos junto da Comissão de Censura de Lisboa (entretanto, sob Marcelo Caetano, ‘travestida’ de *exame prévio*). Invoquei que era um debate entre universitários, que eu ensinava estas matérias nas minhas aulas... O director da censura respondeu-me, pondo em evidência a natureza subversiva da problemática abordada, escandalizado com o facto de nas universidades portuguesas se ensinarem tais coisas! Obra do diabo, terá pensado o homem...

Fiel à sua missão de libertar os portugueses de toda a literatura ‘subversiva’, a censura manteve quase todos os cortes que tinha feito, mas o colectivo da Redacção entendeu que, apesar de tudo, valia a pena publicar o meu texto, o que aconteceu nos números 334/335 (Novembro-Dezembro de 1971) e números 336/337 (Janeiro-Fevereiro de 1972).

Ainda neste ano de 1972, resolvemos publicar um livro com os textos todos (os de Jan Tinbergen e os meus). Sabendo que corríamos o risco de ver o livro apreendido (o que aumentaria as nossas despesas, em vez de grangearmos algum dinheiro para a revista), resolvemos integrar nos meus textos os cortes da censura (assim revelando o nosso desrespeito pela autoridade). Desta vez, vieram a público tal como eu os escrevi, mas é claro que continuam a exhibir, no tom e no estilo argumentativo, as ‘cicatrices’ sempre presentes nos textos escritos para ver se conseguiam escapar à fúria censória. Com uma *Nota Prévia* da minha autoria (incluída também nesta edição), o livro foi publicado na *Colecção Textos Vértice*, que então editávamos em parceria com a *Atlântida Editora*, uma casa que, entretanto, desapareceu do panorama editorial coimbrão e português.

Acredito que vale a pena continuar a reflectir sobre a problemática que animou esta minha ‘conversa’ com Jan Tinbergen. Por isso, juntamente com a Editora Página a Página, entendo que se justifica a ousadia (não a tomem por vaidade, por favor) de submeter de novo à leitura e à análise crítica dos leitores estes textos escritos há mais de 47 anos, nas condições descritas.

Naquela altura, os sociais-democratas europeus consideravam ofensa suprema a acusação que lhes era feita pela esquerda marxista e comunista de que as suas políticas não iam além da mera *gestão leal do capitalismo*. Hoje, este equívoco passou à história, porque são os próprios dirigentes dos partidos socialistas e sociais-democratas europeus que proclamam ‘oficialmente’ serem defensores do capitalismo (e até do neoliberalismo) no que toca à produção, embora se digam socialistas no que toca à distribuição. Por mim, acho que esta equação é uma espécie de *quadratura do círculo*, uma vez que, desde os fisiocratas, a teoria económica ensina que as relações de distribuição não podem separar-

se das relações de produção (isto é, da estrutura de classes da sociedade no seio da qual se desenvolve a actividade produtiva).

Seria despropositado abrir aqui este debate. Com ligeiríssimas alterações de forma, o texto que agora vem a lume reproduz o que foi escrito para tentar passar na censura (sendo certo que continuo a pensar o que então pensava, como escreveria agora o que então escrevi?).

Este livro – como os leitores compreenderão – constituiu um marco importante na minha carreira de universitário-cidadão. É para mim motivo de grande satisfação vê-lo reeditado pela Editora Página a Página (a cujos responsáveis tenho de agradecer, mais uma vez, a confiança e a generosidade com que me acolhem), a Editora responsável pela edição da Revista *Vértice*, que tanta importância teve na minha formação.

Fundamentalmente, o que procurei fazer, ao escrever estes textos, foi a defesa do conceito de socialismo que se afirmou com as obras de Marx e de Engels. É, por isso, uma enorme alegria ver de novo editado este livro no ano em que se comemora o centenário da *Revolução de Outubro*, a primeira revolução socialista vitoriosa em todo o mundo, a revolução que marcou todo o século XX. O que dela resultou – com todas as dificuldades, com todas as contradições, com todos os erros e todas as deficiências – não foi um fracasso, foi um grande êxito, foi um importante passo em frente na vida da Humanidade.

Coimbra, Abril de 2017

António Avelãs Nunes

Nota Prévia
à 1ª edição (1972)

A leitura, aliás tardia, de uma entrevista que o Prof. Jan Tinbergen concedeu ao Dr. M. F. Pereira Ramos e que o Jornal do Fundão publicou no seu número de 7 de Fevereiro de 1969 suscitou-me alguns comentários aos pontos de vista nela sus- tentados pelo ilustre Professor de Roterdão. Na revista Vértice (n.º 318, Julho de 1970) vieram a público esses despreziosos comentários.

Com grande surpresa minha, cerca de um ano depois vim a ter conhecimento de que o Jornal do Fundão inseria, no número de 18 de Abril de 1971, um texto da autoria de Jan Tinbergen, no qual eram retomadas teses já anteriormente expostas por ele e eram rebatidos os comentários por mim publicados na Vértice.

A importância das questões em discussão levou-me a analisar mais em pormenor alguns dos pontos aflorados no debate. Fi-lo sem quaisquer intuítos polémicos, apenas animado do propósito de «ser útil aos leitores de Vértice, no esforço de clarificação ideológica em que estarão empenhados», como declarava, muito sinceramente, na introdução ao artigo que a Vértice inseriu nos números 334-335 (Nov.-Dez. de 1971) e 336-337 (Jan.-Fev. de 1972).

Num tempo em que uma atitude cívica esclarecida não pode ignorar a controvérsia entre capitalismo e socialismo, parece-me desnecessário justificar aqui a importância fundamental dos assuntos em debate nos textos acima referidos. Dentro desta perspectiva é que me decidi a trazer os textos provocados pela entrevista de Tinbergen junto de um público mais vasto do que o dos leitores de Vértice, na esperança de que a sua leitura, dada a natureza dos problemas focados, possa ser de alguma utilidade, sobretudo num país como o nosso, onde não abundam textos em português que tornem relativamente fácil o acesso a temas desta ordem. Ao decidir-me a fazê-lo, pareceu-me interessante para os leitores publicar conjuntamente os textos de Tinbergen com os quais mantive o diálogo que as páginas seguintes registam. Assim ganharão em clareza os pontos de vista expressos nos textos de minha autoria, em discordância com os do Prof. Tinbergen, e assim fica salvaguardado o objectivo que sempre me preocupou, de não alterar ou desvirtuar, nas minhas explicações, as opiniões sustentadas pelo meu interlocutor.

Os textos vão publicados pela ordem cronológica do seu aparecimento: primeiro, a entrevista do Prof. Tinbergen; depois, a minha nota de Julho de 1970, reproduzida sem qualquer alte- ração, logo seguida da resposta de Tinbergen sobre O essencial do socialismo; finalmente, com ligeiras adaptações que em nada alteram o tom ou a orientação do texto que originariamente veio a público, vão os artigos que a Vértice incluiu no último número de 1971 e no primeiro número de 1972.

Esta publicação pretende apenas servir de pretexto ao estudo atento da problemática debatida, por parte dos leitores interes- sados. Oxalá o consiga.

Coimbra, Setembro de 1972

A.J. Avelãs Nunes